

O ensino da Língua Inglesa nas escolas públicas: expectativas e realidade¹

The teaching of English in public schools: expectations and reality

Ana Cláudia Pimenta

Graduanda do 3º período de Letras pelo Centro Universitário de Patos de Minas.
E-mail: anaclaudiapepper@gmail.com

Rayane Magalhães Moreira

Graduanda do 3º período de Letras pelo Centro Universitário de Patos de Minas.
E-mail: rayanemagmoreira@yahoo.com.br

Carolina da Cunha Reedijk

Professora orientadora (UNIPAM).
E-mail: carol@unipam.edu.br

Resumo: O presente artigo teve por objetivo identificar as possíveis falhas contidas no ensino da Língua Inglesa em escolas públicas na perspectiva de alunos e professores. Partindo da hipótese de que há uma discordância entre o que os professores ensinam e o que os alunos querem aprender, o presente estudo se materializou diante da urgência em compreender como o inglês é ensinado nas escolas. A análise baseou-se em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. A fundamentação teórica e os dados coletados por questionário e entrevistas constataram deficiências no ensino/aprendizagem que vão desde a disponibilidade de horários e materiais didáticos até o relacionamento em sala de aula e o descaso governamental diante da disciplina. O referido estudo alertou para a importância da valorização do ensino do inglês, visto que o domínio da língua global capacita o indivíduo para o mercado de trabalho e o integra na realidade social vigente. A realização desta pesquisa, portanto, expôs a necessidade de uma mudança de postura em relação ao tratamento da Língua Inglesa nas escolas brasileiras.

Palavras-chave: Língua Inglesa. Ensino. Aprendizagem. Escola pública.

Abstract: This article aims to identify and analyze the possible deficiencies in the teaching of English in public schools from the perspective of students and teachers. Assuming that there is a discrepancy between what teachers teach and what students want to learn, this study materialized before the urgency to understand how English is taught in schools. The analysis is based on literature and field research. The theoretical basis and the data collected by questionnaire and interviews found deficiencies in the teaching / learning ranging from the availability of time and materials to the relationship in the classroom and the government neglect on the discipline. The study warned of the importance of valuing the teaching of English, as the mastery of the global language enables the individual to the job market and integrates him/her to the current social reality. This research therefore exposed the need for a change of attitude towards the treatment of the English language in Brazilian schools.

Keywords: English Language. Teaching. Learning. Public School.

¹ Este artigo foi apresentado como requisito de avaliação à disciplina Projeto Integrador II.

1 Considerações iniciais

A aprendizagem efetiva do inglês consiste no domínio satisfatório de quatro competências (ler, entender, escrever e falar a língua) e esse domínio é de indiscutível importância para o indivíduo inserido em um mundo globalizado. Dominar a Língua Inglesa significa estar preparado para o mercado de trabalho e bem adaptado à realidade atual das relações. O aprendizado do inglês possibilita o aumento da percepção do indivíduo enquanto cidadão atuante e integrado na sociedade. Assim sendo, fica registrada a importância do papel das instituições de ensino na formação dos alunos dentro dessa disciplina. No entanto, falar do ensino da Língua Inglesa em um país cuja educação é insatisfatória de forma geral requer um pouco de sensibilidade e paciência, já que o problema não advém apenas das complicações histórico-culturais envolvendo o tema em questão, mas também de problemas governamentais. Desde muito tempo, as aulas de inglês não são devidamente valorizadas nem pelos alunos, nem pela escola e tão pouco pelo governo e por professores de outras áreas da educação.

Então, frente a esse contexto, o objetivo do presente trabalho foi analisar o processo de ensino/aprendizagem do inglês em duas escolas públicas da região do Alto Paranaíba, identificando e compreendendo suas falhas, a partir da perspectiva de alunos e professores. A referida análise buscou responder às seguintes questões: Como os alunos encaram a forma como é ensinado o inglês na sala de aula? Qual a importância da disciplina no currículo escolar? Qual a posição dos professores em relação ao método de ensino do inglês nas escolas públicas? De acordo com docentes e discentes, quais são as principais falhas no processo de ensino/aprendizagem da Língua Inglesa? E, finalmente: O que precisa ser mudado ou implantado para que o processo de aprendizagem do inglês se dê de maneira mais efetiva?

Esta pesquisa partiu da hipótese de que, dentre todas as possíveis falhas no processo de ensino/aprendizagem da Língua Inglesa nas escolas públicas, há principalmente uma discordância entre o que os alunos esperam aprender e o que o professor está apto a ensinar ou no que as escolas têm para oferecer. Essa discordância chama a atenção para as deficiências no método de ensino, sejam elas na dinâmica das aulas, na disponibilidade dos horários, sejam no ambiente escolar como um todo, ou no preparo dos professores; e tudo isso tem influenciado diretamente no interesse dos alunos, na motivação e na sua participação ativa nas aulas de inglês.

No ensino fundamental e no ensino médio, em sua maioria, os alunos de 11 a 18 anos parecem não se interessar pelas aulas de inglês. Eles não se mostram preocupados em aprender de forma efetiva, e como resultado se formam sem aprender ao menos o básico das quatro competências da língua. Dito isso, identificar as falhas no processo de aprendizagem do inglês nas escolas e entender a realidade, as dificuldades e as necessidades do ensino mostrou-se um passo muito importante para as mudanças necessárias na abordagem do idioma global. Assim, este trabalho fundamentou-se, principalmente, na necessidade de despertar os alunos e os professores para a problemática educacional na qual está inserida a Língua Inglesa, visto que, se há uma lacuna, ela deve ser identificada e preenchida.

A partir deste estudo, foi possível observar como se desenvolve a relação entre professores e alunos na sala de aula. Analisou-se o interesse que os alunos têm em aprender e as dificuldades que eles encontram no percurso do aprendizado, também a capacitação dos professores e a sua motivação em ensinar o inglês pôde ser analisada. Ao ouvir as opiniões e analisar os pontos de vista dos dois lados envolvidos, as informações puderam ser cruzadas, esclarecendo alguns aspectos das relações de ensino/aprendizagem na disciplina, facilitando o apontamento daquilo que precisa ser mudado e daquilo que precisa ser implantado de modo que professores estejam preparados, tenham motivação e satisfação em ensinar e que os alunos estejam receptivos, tenham interesse e prazer em aprender.

O trabalho em questão justificou-se, assim, na urgência de compreender como o inglês é ensinado nas escolas, visualizando as expectativas dos alunos em relação à própria aprendizagem e às práticas dos professores, suprimindo e/ou direcionando essas necessidades. Com o desafio de romper as barreiras do descaso e da falta de informação que negligenciam o processo de ensino/aprendizagem do inglês nas escolas públicas, o estudo colocou em foco esse importante tema, despertando alunos, professores e instituições de ensino para sua reflexão, colocando-o em discussão, contribuindo, assim, para o crescimento da qualidade educacional da Língua Inglesa.

2 Referencial teórico

Com a quebra das fronteiras internacionais e com o uso da comunicação por meio da internet, a Língua Inglesa se torna indispensável para o indivíduo que está socialmente inserido em um contexto global. O aprendizado de línguas estrangeiras, como a Língua Inglesa, amplia o desenvolvimento profissional, insere uma nova cultura e eleva o conhecimento pessoal.

A educação em Língua Estrangeira na escola, contudo, pode indicar a relevância da aprendizagem de outras línguas para a vida dos alunos brasileiros. Uma língua estrangeira, e neste momento histórico particularmente o inglês, dá acesso à ciência e à tecnologia modernas, à comunicação intercultural, ao mundo dos negócios e a outros modos de se conceber a vida humana. (BRASIL, 1998, p. 65)

Lançando algumas considerações acerca da aversão que muitos alunos têm do aprendizado da Língua Inglesa, Santos (2012, p. 153) expõe que eles “[...] consideram que não irão aprender Inglês de forma alguma, pois não entendem o que o professor diz ou explica e por este motivo revelaram já ter desistido de prestar atenção durante as aulas”. Ou seja, a falta de interesse e motivação nessa disciplina acarreta uma série de empecilhos que dificultam o processo de aprendizagem. No entanto, o desinteresse pela matéria não é só por parte dos alunos, já que o próprio sistema educacional diminui a importância da disciplina em relação às outras. O tempo destinado à língua estrangeira na grade de horários é menor, na maioria das vezes não há espaço adequado para promover as aulas, o material didático apropriado é insuficiente ou inexistente nas escolas públicas e nem sempre há qualificação profissional do

professor, tampouco motivação deste. Muitas vezes, um professor qualificado não consegue ensinar de maneira efetiva por se sentir desmotivado devido aos fatores citados. Perin (2003, p. 117) descreve que “a melhoria do ensino não passa apenas pela qualificação do professor para falar inglês, embora esse pudesse ser um elemento importante. O fato de o mesmo qualificar-se não garante por si só, melhores chances de aprendizagem por parte do aluno”.

Assim sendo, para ensinar uma nova língua, é preciso que os professores testem e busquem novos métodos de ensino, já que apenas forjar a própria formação e não fazer com que ela tenha papel efetivo na aquisição de conhecimento por parte do aluno é um ato injustificável.

Diane Em seu livro “Técnicas e princípios no ensino de Línguas” expõe oito métodos para se ensinar inglês de modo que o aluno assimile a língua alvo em seu todo, ou seja, na escrita, na audição, na leitura e na oralidade, dominando assim a língua e se tornando fluente. A autora busca o desenvolvimento de metodologias, que desprendam os educadores da abordagem tradicional, particularmente dos procedimentos característicos do método gramática-tradução, que ainda hoje faz parte da prática docente de vários professores da rede pública. (CRIVARI; ARLINDO, 2009, p. 2)

Esses métodos são: “método da gramática-tradução” e “método direto”, em que as aulas são totalmente ministradas na língua alvo desde o início, por meio de situações baseadas na vida real. O conteúdo é introduzido pelo professor por meio de objetos reais ou de figuras, fotos, gestos, para que o aluno associe o significado da língua estrangeira diretamente, sem tradução para a língua nativa; “método áudio-lingual”, que visa tornar os alunos capazes de usar a língua inglesa automaticamente, fazendo memorizações de cores e imagens, dando, então, autonomia aos alunos; “método silencioso”, assim chamado porque o professor incita o aluno a construir seu aprendizado, fornecendo palavras ou gestos que apenas ajudarão o aluno a pensar e a formar frases livremente; “sugestopedagogia”, uma proposta para que o aluno busque o conhecimento por interesse próprio: o docente pode usar pôsteres com informações ou curiosidades sobre a língua em estudo, dispostos na sala de aula e trocados periodicamente, estimulando os conhecimentos externos; “comunidade de aprendizagem”, que promove o bom relacionamento entre professor e aluno: desconstrói-se posições autoritárias e abre-se espaço para diálogos que servirão para trabalhar a oralidade nas aulas; por fim, a “abordagem de compreensão”, que oferece uma oralidade clara e objetiva e gestos corporais para uma melhor compreensão: o professor pronuncia um comando e em seguida demonstra-o através de gestos. (CRIVARI; ARLINDO, 2009).

Para melhorar a relação aluno-professor e aperfeiçoar o tempo em sala de aula, Larsen-Freeman (1986, p. 7) instiga os professores a refletirem sobre os seguintes questionamentos antes de aplicar um método:

1. Quais são os objetivos do professor a usar este método?
2. Qual é o papel do aluno? Qual é o papel do professor?

3. Quais as características desse processo de ensinamento-aprendizagem?
4. Qual a natureza da interação aluno-professor? Qual a natureza da interação aluno-aluno?
5. Como a linguagem é vista? Como a cultura é vista?
6. Quais as áreas de linguagem enfatizadas? Quais as habilidades utilizadas e enfatizadas?
7. Qual é o papel da língua nativa dos alunos?
8. Como avaliar se os alunos aprenderam?
9. Como o professor responde aos erros dos alunos?

Além da adoção de um método adequado, sabe-se que a qualificação do professor também é importante. Entretanto, ela por si só não garante a aprendizagem geral dos alunos. É necessária uma boa capacitação para que haja uma melhor transmissão de conhecimento, mas, para que esse conhecimento seja recepcionado de forma consolidada, cabe ao estudante ter interesse e afincado pela disciplina e, ao professor, se manter motivado e cultivar uma boa relação com os alunos. Costa (1987, p. 67) considera que

A mediação do professor é fundamental em todo percurso de aprendizagem que abrange, ainda, o desenvolvimento e o aprimoramento de atitudes. Coloca-se a necessidade de intervenção do professor em relação às orientações sobre como organizar e lidar com o material de estudo, como desenvolver atitudes de pesquisa e reflexão sobre as descobertas, para promover a autonomia do aluno, sem a qual se torna mais difícil garantir avanços.

É perceptível, em estudos feitos pela revista *Signum* e também pela autora de metodologias de aprendizagem de língua estrangeira, Diane Larsen-Freeman, que o interesse do aluno é imprescindível para a aprendizagem dar-se de maneira efetiva, no entanto, o descaso que se tem em aprender inglês é notório. Através dos resultados apresentados na pesquisa feita pela revista do programa de pós-graduação em estudos de linguagem e educação, verifica-se que esse descaso tem, entre outros fatores desencadeadores, as salas lotadas e a impossibilidade de oferecer ao aluno um acompanhamento mais direcionado e individual.

Apesar de reconhecerem a importância de saber inglês nos dias atuais, e acreditarem na sua importância quando da disputa de melhores empregos, os alunos tratam o ensino de Língua Inglesa na escola pública ora com desprezo, ora com indiferença, o que causa, na maioria das vezes, a indisciplina na sala de aula com o número de alunos acima do ideal para se aprender um novo idioma. (SIGNUM, 2003, p.172)

A maioria dos alunos das escolas públicas, mesmo reconhecendo a importância de aprender a Língua Inglesa, não se vê inserida em ambientes onde se fará necessária a proficiência do segundo idioma. Sendo assim, desprezam as aulas, gerando, conseqüentemente, a falta de interesse, a indisciplina e, então, a ineficácia do processo de aprendizagem.

Ensinar inglês em escolas públicas é uma tarefa que requer paciência, atitude e criatividade. Para que haja transformações efetivas, é fundamental que seja repensada a metodologia de ensino, pois o método deve estimular o interesse dos discentes por aprender a língua.

Os estudantes tinham maior interesse em aprender a falar e ouvir, em contraste com os professores, que enfatizavam a leitura. O trabalho de Tílio reforçava novamente o descompasso entre o que os professores gostariam de fazer ou estavam fazendo, e os desejos dos alunos. (SIGNUM, 2003, p. 170)

Os alunos, já travados e desmotivados para aprender, sentem-se revoltados por seus desejos não serem atendidos, visto que os professores alienam-se em apenas passar o conteúdo programático do governo. Os professores não se aventuram em transpor o conteúdo de maneira que não seja apenas leitura, gramática e escrita.

No que tange às atividades que os alunos mais gostam de realizar nas aulas de LI, a percepção da maioria deles indica o trabalho em grupos, envolvendo músicas, jogos, vídeos, etc... (51,0%), seguido de trabalhos com textos (23,5%) e atividades orais (18%). Dentre as atividades que os alunos menos gostam nas aulas de LI, a opinião dos alunos aponta para cópias do quadro-negro e tradução (35,5%); apresentação de diálogos na frente da sala (28,5%) e atividades escritas envolvendo tempos verbais (21,5%). A maioria dos alunos expressa seu desejo de que gostaria que suas aulas de LI fossem diferentes (70%), sugerindo atividades mais dinâmicas e criativas (57,4), seguido da necessidade de se ter um livro didático de LI (30,7%). (SIGNUM, 2003, p. 177)

Na análise da pesquisa em questão, é possível perceber que os discentes almejam por atividades que envolvam o lúdico para que, assim, eles possam aprender de uma maneira menos engessada. Faz-se necessário que os professores abordem a Língua Inglesa por meio de conteúdos do interesse dos alunos, com a utilização de filmes, músicas, vídeos interdisciplinares, jogos e uma forma dinâmica de ensino na qual o educador sentir-se-ia satisfeito por conseguir transmitir conhecimento e o aluno tiraria proveito desse aprendizado para a vida, visto que saber comunicar-se em inglês é essencial na realidade atual das relações.

Há ainda outro aspecto a ser considerado, do ponto de vista educacional. É a função interdisciplinar que a aprendizagem de Língua Estrangeira pode desempenhar no currículo. O benefício resultante é mútuo. O estudo das outras disciplinas, notadamente de História, Geografia, Ciências Naturais, Arte, passa a ter outro significado se em certos momentos forem proporcionadas atividades conjugadas com o ensino de Língua Estrangeira, levando-se em consideração, é claro, o projeto educacional da escola. Essa é uma maneira de viabilizar na prática de sala de aula a relação entre língua estrangeira e o mundo social, isto é, como fazer uso da linguagem para agir no mundo social. (BRASIL, 1998, p.37)

Além de fazer-se o uso do lúdico no processo de aprendizagem, é importante relacionar questões que os alunos têm mais contato: conteúdos cotidianos, atualidades,

entretenimento e, até mesmo, conteúdos que não se referem diretamente à Língua Inglesa, mas que estejam correlacionados de maneira subjetiva.

Os resultados indicaram que os professores estavam se concentrando no ensino de gramática e textos através da tradução, embora tivessem interesse em trabalhar as quatro habilidades. As razões para não o fazerem incluíam a falta de condições adequadas e o número de aulas de inglês. (SIGNUM, 2003, p.169)

Poucos recursos, pouco tempo, pouca motivação, pouca dedicação, pouca inovação: estes são os mais notáveis entre os muitos componentes do círculo vicioso que inviabiliza a aprendizagem efetiva da Língua Inglesa nas escolas públicas.

3 Procedimentos metodológicos

O presente estudo foi feito com base em uma pesquisa bibliográfica e também com base em uma pesquisa de campo.

A pesquisa bibliográfica teve como fonte de leitura artigos acadêmicos que abordam a problemática do ensino da Língua Inglesa nas escolas públicas, os quais apontam levantamentos de dados, estatísticas e opiniões de pais, professores e alunos da rede pública em nosso país. Autoras como Iranilde dos Santos Rocha Souza (Professora de Língua Portuguesa do 8º e do 9º ano e de Língua Inglesa do 5º ao 9º ano do Centro Educacional Modelo, Salgado – SE), Beatriz Gama Rodrigues (Orientadora, departamento de letras- UFPI) e Jussara Olivo Rosa Perin (Mestra em Letras, Instituto de Línguas, Universidade Estadual de Maringá) levaram, por meio de seus artigos, a se fazer uma reflexão sobre o processo de ensino/aprendizagem da língua inglesa nas escolas do Brasil.

Já a pesquisa de campo foi feita utilizando-se da técnica de aplicação de um questionário e da realização de uma entrevista. O questionário foi composto por cinco questões fechadas e uma questão aberta, sendo aplicado, no período de 19 de outubro a 14 de novembro de 2015, a 61 alunos do Ensino Fundamental de uma escola pública de Patos de Minas e a 55 alunos do Ensino Médio de uma escola pública de Carmo do Paranaíba. Os estudantes puderam dizer, por meio da questão aberta, o que acham do ensino da língua inglesa: se não é satisfatório, o que está errado? O que precisa ser mudado? Também foram feitas entrevistas com duas professoras de Língua Inglesa, ambas atuantes em escolas públicas do ensino fundamental e médio, nas cidades de Patos de Minas e de Carmo do Paranaíba, a fim de identificar suas capacitações e colher suas opiniões e impressões em relação ao ensino/aprendizagem do inglês.

Com o propósito de preservar a identidade dos alunos e professores questionados, foi mantido em sigilo o nome destes, portanto, codificações de identificação como “aluno A1” e “aluno B1”, “professora A” e “professora B” foram utilizadas sempre que necessário. Assim, os aspectos éticos foram respeitados no processo da coleta de dados.

Por fim, ao ter em mãos o material resultante da pesquisa, foi feita a soma dos resultados para a análise quantitativa das questões fechadas, a qual foi lançada em gráficos do programa Excel, para melhor comparação de dados. Foi feita também a

análise qualitativa da questão aberta e das entrevistas realizadas com as professoras. Para se chegar a uma conclusão final que apresentasse a realidade do inglês nas escolas, foi focado o cotidiano de alunos e professores em sala de aula. Partiu-se, assim, dos dois principais pontos de vista envolvidos no processo para saber o que há de consensual e de discordante entre ambos, no tocante ao ensino/aprendizagem da Língua Inglesa.

4 Resultados e discussão

4.1 A visão dos professores

Nas entrevistas realizadas com as duas professoras de Língua Inglesa dos ensinos médio e fundamental, foram feitas perguntas sobre formação profissional e atualização de conhecimento dentro da disciplina lecionada: a entrevistada do ensino fundamental (Professora A) é pós-graduada em tecnologia da língua inglesa; já a entrevistada do ensino médio (Professora B) é recém-formada no curso de Letras – voltado exclusivamente para o ensino do inglês – oferecido pela UFU (Universidade Federal de Uberlândia), além disso, morou durante cinco anos em Londres, o que fez com que ela desenvolvesse um grande interesse pela Língua Inglesa. Em relação à questão da atualização continuada da disciplina, a Professora A afirma que

Aquilo que a gente vê durante o curso na universidade é muito diferente da realidade vista em sala de aula, então, pra que a gente consiga trazer aulas dinâmicas que prendam a atenção do aluno é preciso estar sempre correndo atrás de temas atuais e assuntos que sejam do interesse deles (...) e mesmo assim ainda é difícil. (Dados da entrevista)

Sobre a importância que os alunos do ensino fundamental dispensam à Língua Inglesa, afirma:

(...) eles acham que, em relação às outras matérias, o inglês é menos importante, porque ainda tem aquela mentalidade: ‘Eu não vou sair do Brasil, então eu não preciso aprender inglês!’ muitos têm essa mentalidade, infelizmente; aí eles não pensam que não é nem necessário sair de casa pra utilizar o inglês, então é preciso mostrar pra eles tudo que envolve o inglês no nosso dia-a-dia. (Dados da entrevista)

Já os alunos do ensino médio, segundo a Professora B, “têm a consciência da importância do inglês, mas também têm uma ‘certa aversão’, pelo fato de eles não saberem, não entenderem, eles não querem aprender, não querem pesquisar”.

No tocante a buscar pelo aprendizado do inglês em meios extraclasse, ambas as professoras pontuam, aos alunos do ensino médio e fundamental, a importância de tentar aprender a Língua Inglesa através de filmes, de músicas, de jogos e dos demais meios disponibilizados pela tecnologia, visto que essas mídias são alvo unânime do interesse dos estudantes na hora da diversão, podendo muito bem ser uma força aliada na hora do aprendizado do inglês.

(...) eu mesma tenho casos de alunos que aprenderam sem fazer cursinho, então vai muito do interesse deles em buscar. A escola traz uma base, lógico, mas é igual ciências, igual matemática... se o aluno não correr atrás, não estudar em casa, não se dedicar, ele não vai produzir. (Professora B, dados da entrevista)

Dois quesitos que tiveram consenso entre as professoras do ensino médio e fundamental estão relacionados à estrutura das escolas públicas e ao tempo que elas têm para trabalhar o inglês em sala de aula: a falta de equipamentos multimídia nas escolas e o pouco tempo destinado na grade para a disciplina são grandes (talvez os maiores) obstáculos enfrentados pelas professoras. Esses obstáculos dificultam bastante a execução de aulas diferentes e lúdicas, com uso de filmes e documentários, além de músicas e conversação com os alunos, por exemplo. A professora do ensino fundamental expõe que, geralmente, leva músicas à sala de aula, porque é mais fácil, além disso, ela chega a levar seu equipamento pessoal para as aulas.

Filme gasta muito tempo, e a gente só tem duas aulas semanais, e aí você tem que cumprir o cronograma (...). Além disso, o material que a escola tem é pouco e é oferecido pra todos, então tem que dividir, tem que marcar horário (...) eu não posso usar o material todos os dias, tenho que compartilhar porque os outros professores também precisam usar, então, cada uma usa um pouquinho. Eu gosto de ter o meu equipamento! Eu tenho meu sonzinho, (risos!) tenho meu notebook que eu trago pra passar alguma coisa pros alunos, agora só falta eu comprar o Datashow pra ficar completo, mas ele é muito caro! (mais risos!) (Professora A, dados da entrevista)

Por sua vez, a professora do ensino médio também diz que na escola pública em que leciona não existe uma sala específica para passar material multimídia para seus alunos e que o equipamento tem que ser levado para a sala de aula, mas que mesmo assim ainda leva músicas e vídeos mais curtos para serem apresentados.

Trabalhar com filmes em sala de aula é muito complicado, porque são poucas aulas e um filme consumiria muito tempo, então eu tento trazer vídeos que estão relacionados com o conteúdo que a gente está vendo, porém que não tomem muito meu tempo, senão eu vou passar de duas a três aulas passando vídeo e eu não acho que isso tem muito sentido. (Professora B, dados da entrevista)

Ela ainda acrescenta: “Acho que é sonhar demais, mas todas as salas tinham que ser reformadas, trazendo essa nova tecnologia, esse quadro interativo, mas isso está longe da nossa realidade brasileira” (Professora B, dados da entrevista).

Outro ponto de concordância entre as duas entrevistadas se refere, indiscutivelmente, ao importante papel desempenhado pelo professor na sala de aula no sentido de despertar o interesse dos alunos. Elas afirmam que é necessário um discernimento, uma conscientização maior do professor, que deve ter um “jogo de cintura” para se adaptar às adversidades presentes na realidade do processo

ensino/aprendizagem: “Acho que vai muito do professor, se o professor acomoda, e começa a dar muita importância às dificuldades e às reclamações do aluno, os alunos também vão se acomodar” (Professora A). E ainda,

O papel do professor é com certeza fundamental! Se o professor já chega desmotivado em sala de aula, pensando que os alunos não têm interesse pela matéria _não podemos nem ficar comentando, mas o inglês não reprova._ nem dá vontade de ensinar. Então é preciso mostrar pra eles que a gente ama o que a gente faz, (...) porque eles são muito espertos e eles sentem se o professor está ali apenas por obrigação ou se o professor realmente gosta do que faz. (Professora B, dados da entrevista)

Mais um detalhe importante a se considerar, de acordo com a professora B: “Eu sempre trabalho com os alunos de forma a preparar eles pra vestibulares e o Enem, então, se os alunos tivessem mais interesse, o rendimento seria bem maior do que realmente é”.

Indagadas sobre o convívio em sala de aula e a relação estabelecida entre professores e alunos, as professoras afirmaram que em um primeiro momento encontraram dificuldades em adquirir o respeito dos alunos durante as aulas. “No início enfrentei muitas dificuldades para ganhar o respeito dos alunos; pra você ganhar o respeito deles em sala de aula, o que eu acho que é o mais importante, é preciso trabalhar juntamente com a escola, ganhando mais apoio da direção” (Professora B, dados da entrevista).

Ao final das perguntas, foi proposto às professoras que elas fizessem uma breve explanação de seus pontos de vista em relação ao ensino da Língua Inglesa no Brasil, especificamente nas escolas públicas. Suas explanações foram congruentes em diversos aspectos. A entrevistada A salienta que, “infelizmente, o conceito que as pessoas têm do ensino do inglês nas escolas públicas é que é uma coisa não aproveitável”. Semelhantemente, a entrevistada B completa que “o ensino do inglês nas escolas públicas não é valorizado”.

Por fim, são apresentadas a seguir as conclusões das professoras do ensino fundamental e médio, respectivamente, abordando a comparação desleal que é feita entre o ensino das escolas públicas e o ensino dos cursinhos de idioma, e a necessidade da mudança de postura do governo no trato da disciplina dentro do currículo escolar:

A gente sabe que é diferente dos cursinhos que ensinam exclusivamente o idioma estrangeiro, com poucos alunos em sala, com materiais didáticos e equipamentos completos e “bonitinhos”, aí se torna difícil competir com este tipo de coisa em escola pública, onde você tem muitos alunos em uma sala de aula, tem que ficar cuidando da disciplina deles e não tem equipamento suficiente pra ter uma aula diversificada e atrativa; então as pessoas acham que é o que a gente ensina que não está da maneira correta, mas não é bem assim, porque a gente tenta. Só que não dá pra comparar o ensino em uma sala de 12 ou 16 alunos com o ensino de uma sala de mais de 40 alunos. (Professora A, dados da entrevista).

Só pelo fato de o inglês ser uma matéria que não reprova no currículo, muitas escolas já nem cobram resultados dos alunos nos processos avaliativos, subestimando muito a disciplina. A começar pelo governo, se eles mudassem essa visão de que o inglês não faz parte da grade curricular, que ele não reprova, poderíamos cobrar mais retorno dos alunos, pois, como cobrar uma coisa que eles não terão nenhum tipo de punição caso não cumpram as metas? (Professora B, dados da entrevista)

4.2 A visão dos alunos

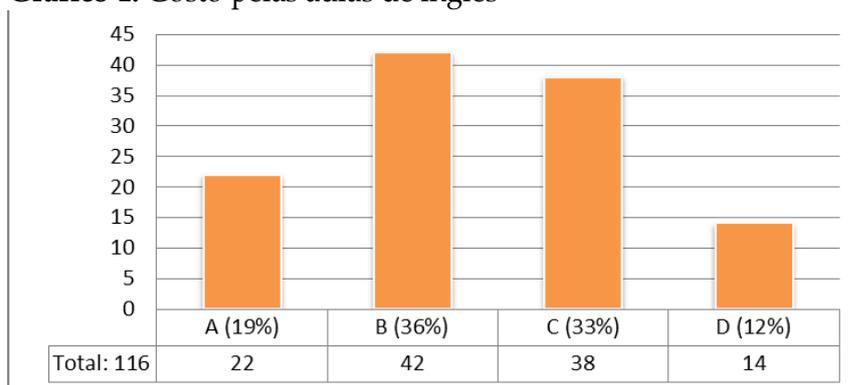
Ao analisar os gráficos com os resultados do questionário, especialmente os gráficos gerais, é possível afirmar que a maioria dos alunos questionados gosta das aulas em sala, que mais da metade deles considera a relação entre professores e alunos boa, bem como metade também acha o ensino da Língua Inglesa dado na escola bom. Além disso, a maioria dos alunos afirmou que busca, através do aprendizado da Língua Inglesa, estar mais bem preparada para o mercado de trabalho, seguidos de perto por aqueles que buscam o aprendizado para incorporá-lo às interações sociais e tecnológicas e por aqueles que disseram só estudar o suficiente para ser aprovado (o suficiente para ser aprovado em uma disciplina que sequer reprova!); e a maior parte dos estudantes pontuou que procura aprender o inglês através de métodos extraclasse, seguidos bem de perto por aqueles que dizem que o único contato com a Língua Inglesa é na escola pública e que não é o suficiente.

Tais fatos apresentados no resultado das questões fechadas, mostrando uma maioria de alunos satisfeita, por si só já contrariariam a hipótese do presente estudo. No entanto, o que a maioria afirmou nas questões fechadas apresentou uma disparidade com o que foi apresentado nas respostas obtidas por meio da questão aberta, o que poderá ser constatado logo após os gráficos a seguir.

Questionário – Questões fechadas

❖ Gráficos com os resultados gerais

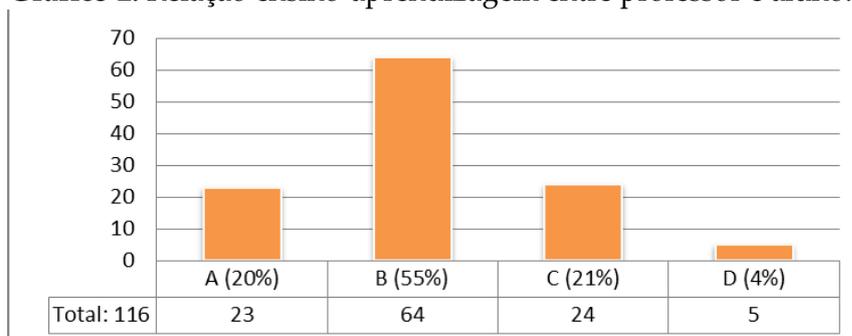
O primeiro questionamento feito buscou averiguar o gosto dos alunos em relação às aulas de inglês, ao que foram obtidos os percentuais de respostas, conforme gráfico 1.

Gráfico 1: Gosto pelas aulas de inglês

Fonte: Questionários Aplicados

Legenda: A) Gosto muito; B) Gosto; C) Gosto pouco; D) Não gosto

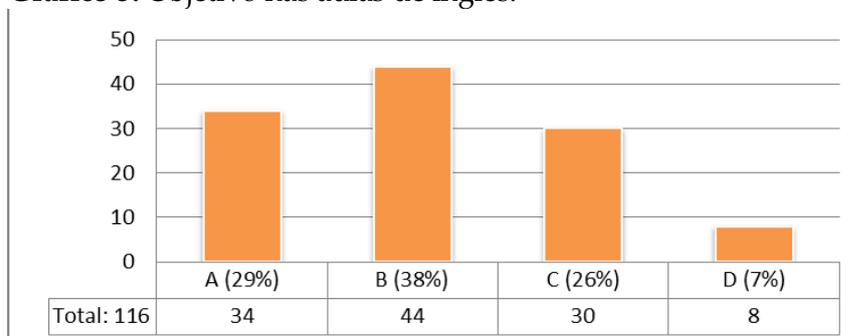
Já o gráfico 2 traz os dados referentes à relação de ensino-aprendizagem entre professor e aluno.

Gráfico 2: Relação ensino-aprendizagem entre professor e aluno.

Fonte: Questionários Aplicados

Legenda: A) Ótima; B) Boa; C) Regular; D) Fraca

Quando questionado sobre o que buscam no ensino da língua inglesa, a maior parte dos alunos relataram buscar uma capacitação para atuarem no competitivo mercado de trabalho, como mostram os dados dispostos no gráfico 3.

Gráfico 3: Objetivo nas aulas de inglês.

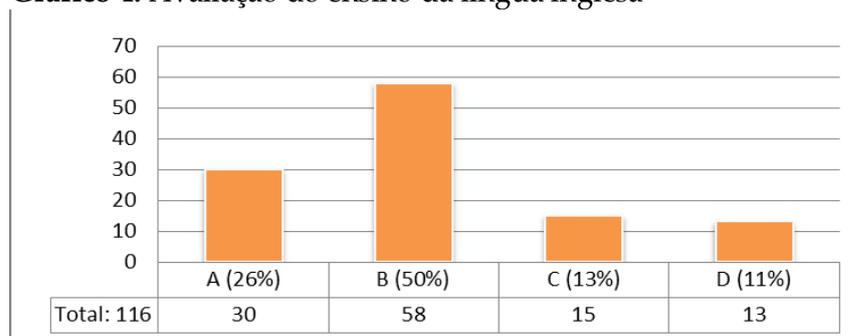
***Fonte:** Questionários Aplicados

Legenda: A) busco aprender o uso da linguagem e entender sua cultura para incorporar esse aprendizado à rotina diária e às interações sociais e tecnológicas do mundo globalizado; B)

busco através do aprendizado da língua inglesa me preparar melhor para o competitivo mercado de trabalho; C) busco aprender o inglês e a sua cultura o suficiente para ser aprovado na disciplina; D) nunca pensei sobre o assunto.

Os alunos tiveram também a oportunidade de avaliarem o ensino da língua inglesa e disseram ainda se buscam ou não meios de aprendizagem da referida língua extra-classe, conforme dados evidenciados nos gráficos 4 e 5, respectivamente.

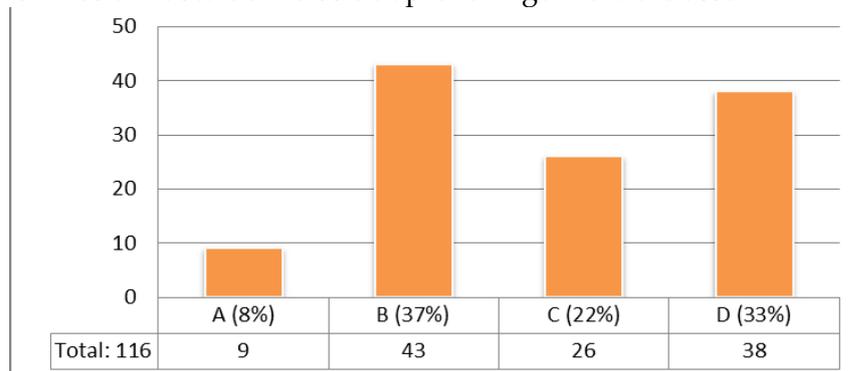
Gráfico 4: Avaliação do ensino da língua inglesa



*Fonte: Questionários Aplicados

Legenda: A) Ótimo; B) Bom; C) Regular; D) Fraco

Gráfico 5: Busca de meios de aprendizagem extra-classe



*Fonte: Questionários Aplicados

Legenda: A) Sim. Eu também faço cursinho de inglês; B) Sim. Eu também procuro aprender inglês através de filmes, músicas, jogos e materiais de estudo virtual disponibilizados na internet; C) Não. Meu único contato com o aprendizado da língua inglesa é na escola pública e acho que já é o suficiente; D) Não. Meu único contato com o aprendizado da língua inglesa é na escola pública, e acho que não é o suficiente.

Questionário – Questão Aberta:

No questionário distribuído aos alunos dos ensinos fundamental e médio, havia uma questão aberta com a seguinte pergunta: “Em sua opinião, o que poderia ser mudado ou acrescentado nas aulas de inglês para torná-las mais atrativas, interessantes e proveitosas a fim de que os alunos realmente aprendam efetivamente a Língua Inglesa?”.

Ensino fundamental

Dos 61 alunos do ensino fundamental questionados, 10 não fizeram nenhuma reivindicação, o que demonstra certa falta de interesse por parte deles, pois ainda nas questões fechadas a maioria expõe que seu único contato com o inglês é na escola pública, alguns afirmando que já é o suficiente e outros que não. Chama a atenção ainda o fato de que a maioria que não reivindicou mudanças afirmou, ainda nas questões fechadas, que estudam o inglês “o suficiente para ser aprovado na disciplina” (Aluno A1, dados do questionário) ou, ainda, que nunca pararam para pensar a respeito da importância do aprendizado da Língua Inglesa.

Dos questionados, seis alunos deixaram a pergunta aberta ou sem resposta, ou com respostas sem sentido e/ou com pouca seriedade.

Entre outras sugestões, alguns questionados destacaram a importância de haver um maior respeito tanto dos alunos para com o professor, quanto do professor para com os alunos: “(...) e a relação dos alunos com o professor tinha que melhorar”. “Parar de conversar nas aulas e de brincar com a cara do professor” (Aluno A2, dados do questionário). “A professora ser mais legal e atenciosa com os alunos”. “A professora deveria dar mais atenção às perguntas dos alunos” (Aluno A3, dados do questionário).

Constatou-se também que muitos dos alunos reconhecem a necessidade de serem dadas mais aulas de inglês durante a semana, para que assim houvesse mais tempo para aprenderem e terem mais contato com a Língua Inglesa. “Para que pudessem colocar no meio da aprendizagem a tecnologia e tornar mais fácil nossos estudos, teria que haver mais aulas de inglês” (Aluno A4, dados do questionário). “Acho que podia ter mais aulas de inglês, seria mais tempo de aprendizagem” (Aluno A5, dados do questionário). “Tinha que ter mais materiais didáticos, mas também falta tempo pra isso” (Aluno A6, dados do questionário).

Uma grande parte dos alunos do ensino fundamental sugeriu, ainda, que houvesse mais aulas de conversação, e não só de gramática, pois é cansativo e pouco produtivo o fato de apenas ficarem resolvendo as atividades transcritas no quadro ou presentes no livro. Eles querem aprender a falar e entender o inglês através de atividades mais dinâmicas que possibilitem a interação entre os alunos e o professor.

Tínhamos que interagir mais uns com os outros nas aulas, não só ficar copiando do quadro e traduzindo textos do livro; tinha que ter mais explicação do professor e mais conversação também. Não adianta nada ficar só traduzindo texto olhando no dicionário, isso ajuda muito pouco na hora de aprender. (Aluno A7, dados do questionário)

Contudo, a reivindicação mais expressiva por parte destes estudantes foi para a implantação de aulas “diferentes”. Para que o aprendizado seja mais divertido e prazeroso, mais da metade dos alunos querem aulas lúdicas, principalmente com o uso de material multimídia, como filmes, músicas, vídeos e documentários, além de jogos e brincadeiras. “Seria legal a professora usar de diferentes estratégias e brincadeiras, para deixar as aulas mais interessantes” (Aluno A8, dados do questionário). “Tinha que ser mudada a forma que o professor conduz a aula. Podia haver mais atividades

diferentes que evoluíssem o conhecimento da Língua Inglesa” (Aluno A9, dados do questionário). “Passar mais músicas, filmes e explicar mais a matéria de um jeito diferente” (Aluno A10, dados do questionário). “Incentivar os alunos a ouvirem mais músicas em inglês e procurar a tradução” (Aluno A11, dados do questionário). “Podia ser trabalhado mais atividades em dupla, porque se você não entende a questão ou tem dificuldade, seu colega pode te ajudar” (Aluno A12, dados do questionário).

A pergunta aberta do questionário possibilitou enxergar a opinião dos estudantes do ensino fundamental no que diz respeito à forma que eles querem aprender a Língua Inglesa: “As aulas poderiam ser mais ‘relax’, com mais músicas e brincadeiras, por exemplo. Eu acho que seria muito bom poder aprender o inglês brincando” (Aluno A13, dados do questionário).

Ensino médio

Dos 55 alunos do ensino médio que foram questionados, apenas três não responderam à questão aberta. Entre os que responderam, todos tiveram algo a sugerir e a reivindicar, encarando a temática de maneira séria e dedicada.

Alguns questionados se mostraram conscientes diante do papel do aluno em relação ao aprendizado: “Muitas coisas poderiam ser mudadas no método de ensino do inglês, mas tudo depende também do interesse de cada aluno em querer aprender” (Aluno B1, dados do questionário).

A relação entre aluno e professor em sala de aula também foi foco da opinião dos estudantes do ensino médio. Muitos deles afirmam que é preciso haver mais respeito, gentileza e educação da parte do professor para com os alunos, que é preciso também um maior e melhor contato entre eles, e, para isso, uma mudança de comportamento envolvendo ambas as partes se faz necessária. “(...) mais respeito entre aluno e professor, buscando harmonia em sala de aula” (Aluno B2, dados do questionário). E ainda:

O contato e relação entre professores e alunos poderiam ser melhores, facilitando o aprendizado. O interesse mútuo das duas partes poderia solucionar alguns problemas disciplinares. Vejo que a falta de preparo e respeito atrapalha bastante. Existem várias mudanças a serem feitas para um bom convívio entre professor/alunos. (Aluno B3, dados do questionário)

Muitos dos estudantes do ensino médio também apontaram para a grande necessidade de se ter mais tempo de aulas dedicadas ao ensino do inglês; mais material didático também precisa ser disponibilizado, segundo eles: “Precisamos de mais aulas de inglês durante a semana, e mais material didático” (Aluno B4, dados do questionário). Essa mesma afirmação apareceu em diversas respostas.

A grande maioria dos questionados criticou bastante o método de ensino aplicado pelos professores de Língua Inglesa. Em praticamente todas as respostas esteve presente os termos “aulas mais dinâmicas” e “aulas com mais conversação”. Tal fato mostrou uma quase unanimidade em relação ao interesse que os alunos têm em aprender a fala ao invés de apenas a gramática: “Usar mais conversação ao invés de

gramática e regras sobre escrita, mais interação com a cultura dos países que têm como base a Língua Inglesa, entre outros” (Aluno B5, dados do questionário). “Serem aulas mais dinâmicas onde pudéssemos praticar tanto oralmente quanto teoricamente a Língua Inglesa” (Aluno B6, dados do questionário). “Maior interação e conversação entre aluno e professor” (Aluno B7, dados do questionário). “Poderia ter mais aulas dinâmicas, com mais criatividade e diálogo, e não apenas aulas de escrita, mas aulas de pronúncia. Algo que realmente nos ensinasse a falar inglês” (Aluno B8, dados do questionário). Ou, ainda, “gostaria que tivesse mais aulas práticas da língua, ensinando não só as regras de ortografia, mas também a fala” (Aluno B9, dados do questionário).

O dinamismo sugerido pelos alunos nas respostas da questão aberta abrange diversas reivindicações, no tocante a aulas atraentes e interativas, eles querem o uso de mais tecnologias e recursos multimídia, o que consiste em aliar filmes, vídeos, músicas e jogos no processo de ensino/aprendizagem. Eles também querem aprender se divertindo: “Aulas dinâmicas, com maior uso de mídias como filmes, jogos e com maior diversão” (Aluno B10, dados do questionário). “Eu acho que a professora devia passar filmes com as legendas em português porque assim nós iríamos aprender a pronúncia das palavras e também o significado” (Aluno B11, dados do questionário).

Finalizado a análise das respostas abertas dos questionados do ensino médio, foi possível destacar dois interessantes relatos (um deles, inclusive, redigido em inglês pelo aluno), que estão a seguir:

At least more practice. We treat english like the “other language”, and that’s why we don’t learn. We need to use and live the english, listen musics and watch movies in this idiom. More important than know to say “table” or “chair” or to know how use the “to be” verb, is to learn what will really be used in the day by day. No one who is studying in this old way is able to do something that will need English to be done. (Pelo menos mais prática. Nós tratamos Inglês como a “outra língua”, e é por isso que nós não aprendemos. Precisamos usar e viver o Inglês, ouvir músicas e assistir a filmes neste idioma. Mais importante do que saber dizer “mesa” ou “cadeira” ou saber como usar o verbo “to be”, é aprender o que realmente vai ser usado no dia a dia. Ninguém que está estudando dessa maneira antiga é capaz de fazer algo que terá de ser feito em Inglês) (Aluno B12, dados do questionário).

Os professores poderiam tentar tornar as aulas mais atrativas, afinal, muitos alunos não gostam ou sentem certa dificuldade. O ensino (do inglês) não é muito efetivo e muitos optam pelo espanhol nos vestibulares e concursos, por sentirem que a língua é mais próxima de sua realidade. Logo, o inglês é deixado de lado. O que poderia ser feito é um ensino mais dinâmico e divertido, com auxílio de músicas, jogos e filmes. Com isso, os jovens se sentiriam mais próximos da Língua Inglesa e veriam que ela está por toda parte e faz parte da sua realidade. Para ter uma boa aprendizagem o aluno deve se esforçar a fazer outras aulas, ou buscar formas alternativas, afinal, o que é dado na escola não é suficiente para a vida e nem mesmo suficiente para se sair bem nos vestibulares e no Enem (Aluno B13, dados do questionário).

4.3 Alunos e professores: aspectos concordantes e discordantes

Ao serem cruzados os dados da pesquisa realizada entre alunos e professores, foi possível identificar os pontos em que sua visão e anseios em relação ao ensino da Língua Inglesa são congruentes e os pontos em que são divergentes.

A começar pelos pontos congruentes, alunos e professores estão em comum acordo em relação ao pouco tempo destinado às aulas de inglês: segundo ambos, mais aulas semanais possibilitariam a inclusão de novos métodos, novas mídias e aulas diferentes: mais tempo de aula significaria mais tempo dedicado ao aprendizado do inglês.

No tocante ao convívio entre alunos e professores em sala de aula, as duas partes concordam que o aspecto mais importante na relação de ensino/aprendizagem é o respeito mútuo, garantindo a harmonia no ambiente escolar.

Ambas as partes também valorizam a importância da complementação do aprendizado do inglês através de materiais lúdicos, como filmes, músicas e jogos, e como esse aspecto não tem sido bem trabalhado no ambiente de sala de aula pelos professores, tal complemento deveria ser mais procurado pelos alunos como meio extraclasse de aprendizado. Nesse ponto, eles também entram em acordo: é preciso que haja mais interesse, iniciativa e dedicação por parte dos alunos, e mais motivação, criatividade e versatilidade por parte dos professores. Segundo os educadores, ainda sobre o uso de recursos lúdicos, só não é mais trabalhado em sala de aula porque, além da falta de tempo, também faltam equipamentos e materiais adequados. Há um descaso governamental diante do exposto, tal afirmativa se consolida com base tanto na entrevista feita com a professora A, quanto na entrevista feita com a professora B.

Alguns alunos e as professoras expuseram que a escola pública infelizmente oferece só uma base para o aprendizado do inglês, e, portanto, cabe ao aluno buscar, através da força de vontade, formas alternativas para aprender a Língua Inglesa. As professoras entrevistadas também tomam para si a responsabilidade, afirmando que o papel do professor no processo de aprendizagem da Língua Inglesa é essencial e importantíssimo, por isso o educador deve buscar um contínuo aprimoramento no ato de lecionar; os alunos demonstraram, por meio do questionário, que grande parte da sua expectativa é depositada na desenvoltura do professor em sala de aula.

Agora, em relação aos fatores discordantes entre docentes e discentes, pôde-se destacar o método de ensino usado pelos professores, e o método que os alunos esperam que seja usado. Enquanto os alunos esperam por aulas mais atraentes e divertidas, os professores ensinam de forma petrificada e monótona. Enquanto os alunos se mostram mais interessados em aprender o uso prático do inglês através de aulas dinâmicas, professores insistem em ministrar aulas que, em sua maioria, priorizam apenas a parte de regras e a parte teórica da língua. E ainda: enquanto os estudantes anseiam por aprender a falar inglês por meio de aulas interativas, de pronúncia e conversação, os docentes ainda estão apegados em demasia ao aspecto escrito e gramático da Língua Inglesa. Existe uma espécie de “falha na comunicação” entre os envolvidos no processo de ensino/aprendizagem.

Outro ponto contrastante também, notado com mais clareza nos aprendizes de escola pública fundamental, é que os alunos não dão a devida importância ao

aprendizado da Língua Inglesa, e, mesmo que eles tenham alguma consciência dessa importância, ainda se mostram negligentes e resistentes em aprender o idioma global. Sendo assim, de que adianta reivindicar mudanças da parte dos professores e do sistema de ensino, se o desinteresse tem formado uma barreira entre educadores e estudantes? Diante de tal indagação, há que se considerar a possibilidade de existência de contradição em algumas respostas dadas pelas duas partes envolvidas na pesquisa, principalmente se for comparado o que foi exposto nas questões fechadas com o que foi exposto na questão aberta respondida pelos alunos. Essa análise mais subjetiva de intenção e contradição em respostas de questionários e entrevistas pode ser um tema relevante a ser abordado em uma futura pesquisa.

5 Considerações finais

O trabalho em questão se propôs a identificar as possíveis falhas existentes no processo de ensino/aprendizagem da Língua Inglesa em duas escolas públicas do Alto Paranaíba, justificando-se na urgência de compreender como o inglês é encarado por alunos e professores. Através da análise feita em levantamento teórico e pesquisa de campo, pôde-se comprovar a hipótese de que existe realmente uma discordância entre o que os professores ensinam e o que os alunos querem aprender. Foram constatadas várias lacunas referentes ao método de ensino do inglês e ao suporte governamental diante da disciplina dentro do currículo escolar.

Diante das falhas identificadas, faz-se necessária uma mudança que atinja todos os estágios do processo de ensino/aprendizagem da Língua Inglesa: a começar pelo governo, que deve dedicar mais importância ao idioma nos processos avaliativos dos alunos brasileiros, afinal, não faz sentido algum cobrar um bom desempenho da parte destes em avaliações em nível nacional, como o Enem, se esse bom desempenho não é cobrado na rotina escolar do aluno. O governo precisa deixar de subestimar o inglês enquanto disciplina e precisa fornecer mais suporte às escolas em termos de materiais didáticos e equipamentos multimídia.

Enquanto, porém, as mudanças em maior escala não acontecem, é preciso que se dê foco às pequenas mudanças que podem ser aplicadas no dia a dia dos alunos e na sua conduta, na rotina em sala de aula e no respeito que envolve o relacionamento de educadores e aprendizes no ambiente escolar, na postura dos professores diante do idioma global e na forma que eles ensinam o inglês. Esses são passos que estão mais ao alcance da realidade das escolas públicas na busca de resultados mais imediatos.

É possível concluir que o ensino/aprendizado do inglês nas escolas públicas deve ser levado mais a sério, com comprometimento maior tanto dos alunos quanto dos professores e das instituições. A Língua Inglesa deve ser encarada como disciplina importante na formação profissional dos alunos, deve ser reconhecida como disciplina que integra o aluno no mundo globalizado e no mercado competitivo de trabalho.

Professores devem ter uma formação continuada, buscando sempre evoluir dentro de sua área e aumentar a competência em sua metodologia, preenchendo, assim, falhas e lacunas curriculares; um método de ensino mais atraente pode despertar o interesse dos alunos e amenizar deficiências identificadas no contexto geral do processo, como os poucos horários destinados à matéria, a falta de espaço físico

apropriado para as aulas e a escassez do material didático. Pode-se propor, ainda, um foco maior no ensino prático e lúdico da Língua Inglesa, em que ela seja aplicada no dia a dia dos estudantes, mesmo que em projetos extraclasse, seja através da música, do cinema ou da informática, assim, será despertado o gosto do aluno em ler, entender, escrever e falar inglês.

Referências

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 120 p.

COSTA, D.M. *Porque ensinar língua estrangeira na escola de 1º grau*. São Paulo: EPU/EDUC, 1987.

CRIVARI, Beatriz Ferrari; ARLINDO, Caroline. *Metodologia de ensino de língua estrangeira moderna: por Diane Larsen-Freeman*. Paraná, p.1-5, 2009.

GIMENEZ, Telma Nunes; PERIN, Jussara Olivio Rosa; SOUZA, Marisa Marques. *Signum: Estud. Ling.*, Londrina, n. 6/1, p 167-182, dez. 2003.

LARSEN-FREEMAN, Diane. *Techniques and principles in language teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

PERIN, Jussara Olivio Rosa. *Ensino/aprendizagem de inglês em escolas públicas: um estudo etnográfico*. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2003. 118 p.

SANTOS, Jacyara Nô dos. *O ensino e a aprendizagem da língua inglesa no ensino médio*. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia campus Porto Seguro, Porto Seguro, 2012. 156 p.